

# A leitura e a escrita no Rio Grande do Norte:

primeiras décadas do século XX

Maria Arisnete Câmara de Morais  
Francinaide de Lima Silva

**Como citar:** MORAIS, M. A. C.; SILVA, F. L. A leitura e a escrita no Rio Grande do Norte: primeiras décadas do século XX. *In:* MORTATTI, M. R. L. (org.).

**Alfabetização no Brasil:** uma história de sua história. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011. p. 265-282. DOI:

<https://doi.org/10.36311/2011.978-85-7983-178-2.p265-282>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

## A LEITURA E A ESCRITA NO RIO GRANDE DO NORTE: PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX)

*Maria Arisnete Câmara de Moraes*

*Francinaide de Lima Silva*

O ensino da língua materna é sem dúvida um dos mais importantes da escola. Não é que aqui se venha aprender a língua, porque ela já é falada e compreendida, desde os primeiros tempos de vida; mas é aqui que ela vem cultivar-se, aperfeiçoar-se. (LIMA, N., 1911a).

### A LEITURA E A ESCRITA

Este texto evidencia trabalhos sobre a leitura e a escrita do Grupo de Pesquisa História da Educação, Literatura e Gênero que se consolidou nos Congressos Brasileiros de História da Educação realizados, respectivamente, nas seguintes cidades brasileiras: Rio de Janeiro/RJ (2000), Natal/RN (2002), Curitiba/PR (2004), Goiânia/GO (2006), Aracaju/SE (2008) e Vitória/ES (2011). Essa participação demonstra o grau de inserção do grupo nos eventos em História da Educação observado por Vidal (2006, p. 5), ao afirmar que no II Congresso Brasileiro de História da Educação o grupo foi responsável por um terço das comunicações publicadas:

A circunstância de o evento ter sido realizado em Natal apenas tornou mais evidente a pujança desse exercício coletivo de investigação, de resto bastante significativo no cômputo geral dos trabalhos. Sua expressão mais flagrante é a presença da UFRN em todos os certames nacionais, carreando 37,6 % das inserções na temática.

Atualmente, em 2011, esse grupo desenvolve um novo projeto intitulado “História da Leitura e da Escrita no Rio Grande do Norte — presença de professoras (1910-1940)” — CNPq, sob a coordenação de Maria Arisnete Câmara de Moraes (2011). Um dos objetivos do projeto é pesquisar a história da profissão docente na cidade de Natal, capital do Estado do Rio Grande do Norte, no início do século XX, em especial, sobre as professoras formadas na primeira turma da Escola Normal de Natal. São vários

os estudos que fortalecem o campo da história da leitura e da escrita nesse Estado, a exemplo de Moraes (2006), Silva, F. (2009), Silva, I. (2009), Moraes e Silva (2009), Amorim (2010), Lima, E. (2010), Martins (2011).

Percebemos a importância do registro histórico da constituição do campo da história da alfabetização no Brasil em um tempo e espaço específicos, ou seja; a sala de aula e a figura do professor nessa configuração e também a importância da Escola Normal, enquanto instituição formadora de mestres especialistas.

Os textos fundadores dessa análise registram como os professores devem instruir ou educar seus alunos. Os Regimentos Escolares, os Diários de Classe, as instruções do Diretor Geral da Instrução Pública, na figura de Nestor Lima, mostram maneiras de fazer. Eles oferecem um manual sobre as metodologias que os docentes usavam ou deveriam usar em sala de aula.

Como seriam os gestos, as frases que caracterizavam o diálogo entre professores e alunos? O que se sabe a respeito das práticas de escrita e de leitura a partir das fontes disponíveis? Como as professoras introduziam as gerações mais jovens na cultura escrita? Essas indagações conduzem à análise do próprio espaço dessas práticas, dependentes que são das predisposições estáveis dos grupos que as praticavam. Porém, dessas práticas de um tempo que não é o nosso configuramos as determinações. Significa, portanto, pensar essa realidade a partir dos vestígios encontrados nos textos disponíveis — seja no livro, seja no jornal — enquanto suportes de leitura e de escrita. Significa, ainda, considerar suas próprias condições de produção, uma vez que esses textos circulavam em um universo diferente da atualidade. São outras configurações.

#### **AS ORIENTAÇÕES DE NESTOR LIMA**

Observamos no Brasil da última década do século XIX o início de um movimento de escolarização das práticas de leitura e escrita (MORTATTI, 2000) que caracterizava novos tempos na prática docente.

Com o advento da República, havia a preocupação em difundir e estabelecer a escola elementar. No Rio Grande do Norte, medidas diversas, umas transitórias, outras de caráter definitivo, foram tomadas em relação ao ensino que culminaria com a Lei n. 249, de 22 de novembro de 1907, que “[...] autorizou o governo a reformar a instrução, dando especialmente ao ensino primário moldes mais amplos e garantidores de sua proficiência.” (RIO GRANDE DO NORTE, 1909b, p. 5). Posteriormente, a *Lei Orgânica de Ensino* n. 405, de 29 de novembro de 1916, que reorganiza o ensino primário, secundário e profissional no Estado estabelece que “[...] nenhum grupo escolar poderá ser inaugurado sem que todas as suas cadeiras estejam providas por professores diplomados pela Escola Normal [...]” (RIO GRANDE DO NORTE, 1917a, p. 56).

O funcionamento de uma rede de instituições primárias, autorizado pelo Decreto n. 178, de 29 de abril de 1908, tinha em vista a escolarização da infância nortero-grandense, assim como a construção da cultura letrada. É nesse contexto que este texto pretende atuar com o objetivo de reconstituir as maneiras de ler, maneiras de escrever nesse período de transição entre o século XIX e o início do século XX, no Estado do Rio Grande do Norte (MORAIS, 1997).

Com a valorização dos ideais republicanos, segundo Mortatti (2011, p. 2),

[...] saber ler e escrever se tornou instrumento privilegiado de aquisição de saber/esclarecimento e imperativo da modernização e desenvolvimento social [...]. Caracterizando-se como tecnicamente ensináveis, as práticas de leitura e escrita passaram, assim, a ser submetidas a ensino organizado, sistemático e intencional, demandando, para isso, a preparação de profissionais especializados.

A figura de Nestor Lima surge como um dos principais tradutores do pensamento corrente acerca da pedagogia da alfabetização, da leitura e da escrita. Ele dirigiu a Escola Normal de Natal, de 1910 a 1923, e foi diretor do Departamento de Educação de 1924 a 1928, anteriormente Diretoria Geral da Instrução Pública. A sua preocupação era evidenciar a importância da leitura e da escrita. Em suas orientações destinadas aos professores estava a ideia de que a leitura é a base de todo o ensino, por isso os mestres deveriam empenhar-se em mostrar os benefícios trazidos por ela. Do mesmo modo, deveriam ser criteriosos durante a seleção dos livros de leitura reservados à Instrução Primária. Em sua opinião um bom compêndio para o ensino do ato de ler deveria apresentar segurança do texto, correção da linguagem, utilidade e moralidade dos trechos a ler (LIMA, L., 1911a). Ele utilizava os jornais para orientar os professores acerca da pedagogia da leitura e da escrita. Elaborava propostas de aprendizagem ancoradas nos princípios que se devem levar em consideração para a aquisição da leitura e da escrita. No entanto, ele advertia que as orientações metodológicas que publicava “[...] não tem por fim a exibição de saber pedagógico: são simples apanhados de outros autores e se destinam mais a orientar os alunos de Pedagogia da Escola Normal, que lutam com grandes dificuldades nesse particular.” (LIMA, N. 1911b, p.1).

Na escola, aprendia-se a posição apropriada à escrita e a forma correta de escrever, uma vez que a escrita é uma modalidade de linguagem que possui especificidades advindas de suas condições de produção. A posição do corpo, a disposição do banco escolar e o modo de pegar a pena deveriam ser ensinados aos alunos. A escrita vertical era a mais indicada, dado que a tendência por parte da criança é para a escrita vertical redonda. Outro argumento era o de que os caracteres desta escrita eram mais parecidos com os da imprensa e eram mais legíveis. Entretanto, o argumento mais forte era o de que o aprendizado da escrita vertical se dava em menos tempo que o da inclinada (LIMA, N., 1911a, p. 1).

Na escrita, por exemplo, existem princípios a observar e processos a empregar.

1º. Para que a posição do corpo seja boa é necessário que a carteira e o banco tenham altura proporcional ao aluno. Sentado, ele deve apoiar os pés no solo ou no estrado, avançando um pouco o esquerdo, estar de frente para a carteira e não com o lado direito para ela; o tronco vertical, a cabeça levemente inclinada para a frente; os braços apoiados na borda da carteira, o esquerdo segurando o papel e o direito dirigindo a pena. Entre a vista e o papel deve haver 30 cm de distância.

2º. O papel é colocado em sentido perpendicular ao corpo, na caligrafia inglesa e um pouco obliquamente da esquerda para a direita, na caligrafia francesa.

3º. A pena deve ser tomada pelos três dedos, polegar, indicador e médio; destinando-se os outros dois a receberem o peso da mão, suspendendo-a do papel. (LIMA, N., 1911a, p. 1).

O pensamento expresso pelo educador perpassa os preceitos higiênicos postulados pela educação no período. Havia uma preocupação com a iluminação e salubridade da sala de aula, além de uma atenção à postura adequada para o estudo do aluno. Esse fato justifica as prescrições do *Regimento Interno dos Grupos Escolares* e a indicação de uma sala de aula arejada, iluminada, como também de um mobiliário específico para as crianças.

Os processos que deveriam ser empregados na escrita são:

1º. O quadro negro, porque aí a mão pesada do principiante manobra o giz e faz a letra, mais facilmente, quando os caracteres são de tamanho arbitrário;

2º. Do quadro negro passa à ardósia com o *crayon*, que é uma redução daquele, porém já muito diferentes no tamanho das letras;

3º. No papel como lápis e 4º. No papel com pena.

Isso tem em vista o adestramento dos dedos e a facilidade dos movimentos.

A prática desse método seguia as instruções da Diretoria Geral da Instrução Pública do Estado de São Paulo, uma vez que, este era à época a referência em reforma educativa, especialmente, no que concerne aos grupos escolares, seu modelo cultural, administrativo e, sobretudo, pedagógico. (RIO GRANDE DO NORTE, 1920, p. 5).

Nestor Lima viajou à cidade de São Paulo, a fim de trazer os melhoramentos técnicos e pedagógicos necessários à educação norte-rio-grandense. Em uma dessas ocasiões, o professor observava a Escola Modelo Caetano de Campos, anexa à Escola Normal de São Paulo, no qual se efetivavam os princípios do método analítico na alfabetização.

A leitura, que até bem pouco tempo, entre nós especialmente, era feita pelo processo da soletração antiga, veio a ser ensinada mais tarde pela moderna soletração ou método fônico, que representa inquestionavelmente alguma vantagem sobre o antigo sistema. Mas, nem por isto é esse o último adiantamento metodológico da referida disciplina e nem respeita as condições físico-psicológicas do aluno, cujo conhecimento se faz no sentido da análise. (ESCOLA NORMAL DO RIO GRANDE DO NORTE, 1913, p. 11).

Conforme seu relato, a lição acontecia de forma sistemática:

(1º passo) O professor recebe a classe dos analfabetos e ao invés de colocar-lhes em mãos o livro ou caderno de ABC, inicia-as em um curso de noção de linguagem, a propósito de figuras e fotos sobre as quais provoquem a opinião dos alunos. À proporção que o menino vai desenvolvendo neste passo, isto é, vai interpretando sensações, julgando, concluindo, o mestre o encaminhará na aprendizagem da leitura, com o que estão de pleno acordo os mais competentes pedagogistas.

(2º passo) e consiste [o professor] em provocar a linguagem dos alunos acerca das figuras do livro de leitura, onde estejam inseridas todas as ideias rudimentares, que a inteligência infantil possa conter. De posse disso, o mestre escreve no quadro negro, em caracteres de imprensa, [...] ao mesmo tempo que as pronuncia, ele convida a classe a ler o que o giz escreve. O exercício é repetido por vários dias, acaba por dar ao menino o conjunto formal das palavras, componentes de frase que poderá conhecer onde quer que esteja. Recapitulações constantes, frases novas formuladas dos elementos.

(3º passo) como um acontecimento notável, vem a leitura de livros com frases e estórias já conhecidas, e após, o melhoramento da leitura falada, durante cerca de dois meses.

(4º, 5º e 6º passos) decorrido um certo tempo (três meses mais ou menos) começa a decomposição de sentenças em palavras destas em partes ou sílabas e destas afinal em letras. (ESCOLA NORMAL DO RIO GRANDE DO NORTE, 1913, p. 11-12).

Os métodos e processos empregados no ensino da leitura nos grupos escolares podiam ser o alfabético, no qual se conheceria as letras; o fônico ou “*Port Royal*”, no qual era necessário o conhecimento dos sons, primeiro das vogais, depois das consoantes; o de silabação, que consistia na decomposição das palavras em sílabas e exigia o conhecimento de grande número de sílabas isoladas para realizar a composição das palavras. Esses métodos são denominados sintéticos, visto que tendem a fazer a recomposição da palavra depois de conhecidas as unidades que a compõem. Em contraposição, o método analítico consistia em ensinar a leitura pela palavra e pela sentença.

Na opinião do diretor da Escola Normal de Natal, era o método analítico da leitura, oficialmente adotado no Estado de São Paulo, profícuo pela capacidade analítica propiciada ao aluno. O uso do manual *Expositor da Língua Materna*, de Januário Sabino e Cunha e Costa, ou *Cartões de Leitura* e *Cartilha analítica*, de Arnaldo de Oliveira Barreto, eram recomendados. Ao usar esses compêndios, o professor deveria proceder da seguinte forma: primeiro, palestrava sobre dez lições da cartilha por dez a trinta dias, depois, questionava e ouvia as respostas com o objetivo de provocar o discente a pensar e responder em linguagem clara.

As crianças escreviam no quadro negro com a liberdade de desenhar as letras do tamanho e espessura que desejassem. Esse exercício procurava desenvolver a caligrafia, escrita feita com arte, recomendada na escola primária e que poderia ser do tipo inglesa — vertical — e francesa — inclinada. Conforme os higienistas, a escrita inclinada

era apropriada à escola elementar, porque permitia a postura correta, dificultando o surgimento de problemas ortopédicos, e havia, também, a preocupação por parte dos docentes com a escrita, no sentido de evitar doenças musculares e de visão. Nestor Lima (1911a) explicava que naquela época existia na Europa um movimento em defesa do uso das duas mãos durante a escrita. O educador assinalava que não era sem razão a campanha pela ambidestria.

Os educadores defendiam o uso da chamada “caligrafia muscular”, em contraposição à caligrafia vertical. A caligrafia muscular dava ênfase ao movimento, à rapidez do processo de escrever, e não à força e à forma. A caligrafia muscular se daria a partir de exercícios preparatórios, quando a criança era instada a apurar o controle dos movimentos da mão e do antebraço, seja com desenhos no ar ou no papel, e se iniciava o aprendizado do traçado de letras, palavras e frases.

A caligrafia muscular prescrevia uma escrita de tipo inclinado e sem talhe, obtida por tração e não pressão, resultado da unidade entre o movimento dos músculos do antebraço e da mão, a postura corporal do aluno na carteira, a posição levemente oblíqua do caderno, o ritmo regular do traçado da letra e a manutenção do lápis ou da pena constantemente sobre o papel. O ritmo era controlado por palmas ou canções elaboradas para o exercício. À medida que se aperfeiçoava o traço, reduzia-se paulatinamente seu tempo de execução. (VIDAL, 2003, p. 501).

Na escola, a boa leitura envolvia regras de pontuação, respiração, postura diante do livro e respeito ao texto escrito. As habilidades de leitura e escrita eram práticas vinculadas ao corpo, ao espaço e ao tempo escolares. Leitura corrente, leitura de convívio em voz alta. Ritualização da leitura em voz alta. Exigia do leitor uma postura correta, o domínio da respiração concomitante às pausas da pontuação e uma dicção perfeita. Civilizar significava disciplinar os corpos no ato da escrita.

#### **MANEIRAS DE LER, MODOS DE ESCREVER**

As práticas de leitura e escrita são produções culturais que agregam as características e as formas de fazer da época nas quais estão circunscritas. Essas atividades indissociáveis têm sua história marcada por variações. Chartier (1999) assevera que uma história da leitura não deve, pois, limitar-se à genealogia única de nossa maneira contemporânea de ler em silêncio e com os olhos. Por isso, uma história das maneiras de ler e escrever deve identificar as disposições específicas que distinguem as comunidades de leitores e as tradições de escrita, traduzidas sob a forma de gestos, em espaços, em hábitos, manifestando emoções através da própria postura corporal (MORAIS, 1997).

O ditado, o exercício e a cópia, atividades prescritas nas coleções de livros de leitura, produziam uma nova temporalidade no ensino. Os procedimentos empregados na escrita eram o rascunho que consistia em cobrir as letras feitas a lápis ou por meio

de papel transparente. A imitação dos modelos favorecia o ensino coletivo, uma vez que o mestre fazia no quadro negro ou expunha no cartão modelos a serem copiados. Nessa tarefa, ressaltava-se o caderno preparado em que havia o rascunho e a imitação. As práticas escolares do escrever incluíam o uso de compêndios que auxiliavam o ensino e associavam o controle minucioso do tempo individual à disciplinarização corporal do aluno. Essas práticas lançam o desafio de criar recursos que atendam às demandas. Nesse sentido, coleções de compêndios como as de Olavo Freire (1923), concernentes a métodos para o ensino de Desenho Geométrico e de Geometria Prática, são comumente adotadas nas escolas primárias e auxiliam o ensino da escrita.

Na escola primária, a cartilha ou o livro, suportes legítimos da leitura, determinavam relações corporais específicas por parte das crianças. A cartilha consolidava-se como um imprescindível instrumento de concretização dos métodos propostos e, em decorrência, de configuração de determinado conteúdo de ensino (MORTATTI, 2000). Os modos de ler e escrever instituem a identificação de um grupo de leitores e seus procedimentos de escrita. As condições de produção, de apropriação da leitura são determinadas pelas práticas. No século XIX, por exemplo, a leitura em voz alta era uma prática bastante utilizada, como forma de socialização. Na escola primária republicana, esse era um hábito ainda em voga.

Nos grupos escolares, as crianças aprendiam, por um lado, a leitura silenciosa que permitia dar asas à imaginação, sem a interferência de outrem. Por outro lado, havia a prática da leitura em voz alta, em pé, defronte da professora e demais colegas de turma. O objetivo seria uma melhor compreensão do texto, através das entonações e pausas necessárias à fluência da leitura. Cabia à professora acentuar a pausa diante da vírgula e a entonação da voz após o ponto. Segundo Felisberto de Carvalho (1946, p. 7), “[...] a boa pronúncia dá beleza à leitura, tanto quanto a má torna-se insuportável.” (CARVALHO, 1946, p. 7); “[...] o bom leitor deve ter o espírito para compreender, alma para sentir, e gosto para bem exprimir.” (CARVALHO, 1932, p. 7).

Para o ensino da língua materna existia um elenco de orientações, cujo objetivo era propiciar o ensino integral do domínio da língua portuguesa. O professor deveria empregar, por exemplo, exercício de composição com dia determinado para isso. Nessa aula, o professor afixava em um cavalete o desenho ou cromo de uma paisagem. A partir dela, o aluno compunha a sua escrita, exercitava a imaginação. A série de quinze quadros para composição foi lançada em 1915, por Arnaldo de Oliveira Barreto.





Figura 1 - Quadros para o ensino de composição (BARRETO, 1951)  
Fonte: Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Norte

O décimo quadro para o ensino de redação ilustra uma cena escolar, na qual os alunos apresentam-se em atividade, auxiliados e orientados pela professora. Exercícios de elocução, estilo, ditado, vocabulário e gramática também faziam parte do ensino. A leitura era a base de todo o ensino. Carvalho concebia o exercício de ler como uma “[...] expressão vocal e inteligente dos pensamentos escritos e impressos.” (CARVALHO, 1934b, p. 10). Era importante e indissociável o ensino da escrita, da leitura e da caligrafia. Os educadores acreditavam que a leitura na Escola Primária propiciava a aquisição de ideias, pensamentos, conhecimentos, a comunicação e o desenvolvimento dos órgãos vocais.

#### **O DIÁRIO DE CLASSE DA PROFESSORA JOSEFA BOTELHO**

O Diário de Classe, criado em cada grupo escolar ou escola isolada, para o fim de facilitar a fiscalização e inspeção escolar, é um livro obrigatório, aberto, numerado e rubricado pelo Diretor Geral da Instrução Pública. Nele, o professor registrava o resumo dos trabalhos e lições do dia seguinte, com a indicação das lições, exercícios e deveres. Mostram que a escola divide os saberes em disciplina, definidas pelo conteúdo a ser trabalhado. Um conteúdo humanístico preocupado com o ensino da moral e do civismo numa escola republicana.

O Diário de Classe da professora Josefa Botelho registra, em 12 de agosto de 1919, as lições destinadas aos alunos e faz referência à *Cartilha Ensino Rápido da Leitura*, de Mariano de Oliveira, cuja primeira edição data de 1917. Pelo número de edições dessa cartilha, evidencia-se o seu grau de aceitação nos grupos escolares do período.

Diário de Classe do dia 22 de Agosto

Materia	Ponto tratado
Leitura (1ª vez)	Ler a página 43 da cartilha do Ensino Rápido de Mariano de Oliveira
Cópia (2ª vez)	Escrever: "A terra é iluminada pelo sol"
Cópia (1ª vez)	Escrever: "Glorinha gosta de livros de figuras"
Leitura (2ª vez)	Ler a página do primeiro livro de leitura de Francisco de Assis

Figura 2 - Diário de Classe de Josefa Botelho, 1919

Fonte: Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Norte

No registro da professora Josefa, estão dispostas as disciplinas que compunham o programa de ensino e o respectivo conteúdo a ser trabalhado. O livro de leitura, um recurso ao qual a professora recorria para o ensino de diferentes matérias, assinalava a preocupação da professora, naquele momento, com o espaço geográfico: a criança e o mundo. No entanto, não tivemos acesso às respostas dessas crianças quanto às atividades solicitadas. A prática de escrita proposta seria a cópia das frases: “A terra é iluminada pelo sol” e “Glorinha gosta de livros de figuras.” (BOTELHO, 1919). As citações a serem escritas evidenciam o caráter dos ensinamentos ministrados nos grupos escolares e o suporte textual utilizado nas lições de leitura e escrita.

No quesito “Demonstrações”, do mencionado Diário da professora, há o apontamento especificando a lição do livro.

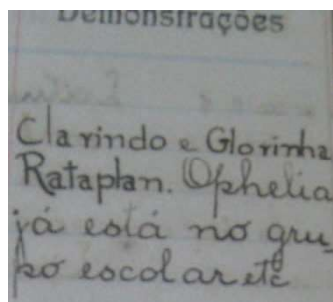


Figura 3 - Diário de Classe de Josefa Botelho, 1919

Fonte: Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Norte

A lição à qual o registro docente se refere apresenta a concepção de alfabetização usada na escola primária e evidencia que as lições de leitura e escrita serviam ao ensinamento das demais matérias do programa de ensino escolar. Conforme Deiró (2005), as exortações às virtudes, bem como a valorização da Pátria, do trabalho, da natureza eram contínuas. Os compêndios escolares veiculam a ideia de trabalho como “[...] uma das maiores virtudes que pode o indivíduo possuir, pois esta virtude será sempre recompensada com a abundância, a riqueza.” (DEIRÓ, 2005, p. 128). Sentenças utilizadas pela professora Josefa Botelho reforçam a ideia de que as “Lições de Coisas” tentavam inculcar na criança as bases de uma educação moral e cívica. As ideias disseminadas nos livros escolares deveriam ser seguidas pelas crianças. Frases como “A bandeira é o retrato da pátria”, “É útil evitar as más companhias” e “O álcool perverte o caráter e os sentimentos” (BOTELHO, 1919) são exemplos dessas “Lições de Coisas”.

Durante o exercício do magistério no Grupo Escolar Felipe Camarão, em Taipú/RN, a professora Josefa Botelho, formada na primeira turma da Escola Normal de Natal, mostra exemplos de sua prática pedagógica, conduzindo a criança à docilidade, à conformação, à disciplina. “O bom aluno obedece satisfeito a seus mestres” e “Dalila é uma boa menina” (BOTELHO, 1919) eram frases que ilustravam o Diário de Classe dessa professora.

O Diário de Classe de agosto de 1919 registra atividades que expressam as particularidades da educação primária no início do século passado:

Leitura: Ler as páginas 42 e 43 da *Cartilha do Ensino Rápido*

Escrever: Glorinha gosta de livros de figuras. (BOTELHO, 1919, p. 12).

Se ao docente caberia lecionar conforme o *Regimento dos Grupos Escolares* (1909a, artigo 80), ou seja, segundo os livros recomendados pelo Diretor Geral da Instrução Pública, a professora Josefa Botelho adotava a *Cartilha Ensino Rápido da Leitura*, de Mariano de Oliveira.

As atividades sugerem as orientações metodológicas e a ideologia difundida para que os alunos tivessem orgulho de pertencer a uma instituição escolar. Por exemplo, a lição do dia, baseada em frases da referida cartilha:



Figura 4 - *Cartilha Ensino Rápido da Leitura*, 1944, p. 42-43

Fonte: Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Norte

1. Ofélia já está no Grupo Escolar
2. Ela já sabe ler, escrever e contar
3. Hoje ela teve uma lição de geografia
4. Sabem vocês como foi a lição?
5. Primeiro, a professora lhe mostra o globo geográfico
6. Mostrou-lhe no globo os mares e os continentes.

As orações: “Ofélia já está no Grupo Escolar”, “Ela já sabe ler, escrever e contar”, “Hoje ela teve uma lição de geografia” (OLIVEIRA, 1944, p. 42-43), expressam as particularidades da educação primária no início do século passado. Os textos mostram os valores a serem incutidos nos meninos e meninas que frequentavam o grupo escolar. Para as meninas, o ensino valorizava atributos como leitura, considerado de bom tom para seu papel social de mãe, esposa, professora, enquanto os meninos realizavam performances que condiziam com sua função de cidadão. Contudo, ambos contribuiriam para a formação da Nação. A lição evidencia o papel socialmente construído para meninos e meninas. Locuções como “O Clóvis quer ser soldado”, “Glorinha gosta muito de livros”, “Ela quer ir para o jardim de infância” sugerem valores morais que se pretende disseminar na sociedade.

Não se deve esquecer que essa cartilha surge em um contexto no qual no Brasil há o projeto de construir a sociedade letrada, e a educação é entendida como elemento essencial de mudanças e transformações. Um momento de renovação de valores. A moral e o civismo faziam parte desse projeto. O culto à Pátria se destacava na literatura do período. O livro didático, por sua vez, veiculava a ideologia dominante.



Figura 5 - *Cartilha Ensino Rápido da Leitura*, 1944, p. 40-41

Fonte: Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Norte

Para Deiró (2005, p. 93), “[...] os condicionamentos ideológicos, aplicados às crianças, colocam-nas numa postura receptiva, para seguirem sugestões que lhes forem dadas [...]”, dentre essas as de que elas também são responsáveis não somente pelo progresso da Nação, mas também pela defesa da Pátria.

As lições evidenciam valores para a formação de um cidadão honrado, honesto, manifesto no *Segundo livro de leitura*: “A verdade é muito sagrada” (CARVALHO, 1934a, p. 90). A ideia assemelha-se à premissa de Rousseau de que “[...] o homem é bom, a sociedade é que o corrompe [...]”, (ROUSSEAU, 2004, p. 15), difundida desde o século XVIII, em *Emílio*. As reflexões a respeito da formação moral do cidadão aglutinavam preceitos moralizantes, imbuídos de valores que iriam auxiliar o professor na sua prática pedagógica, ou seja, a leitura, a escrita e a formação do homem bom.

A atividade realizada pela professora Josefa Botelho evidencia as recomendações para o ensino da leitura que se baseava nas ditas “historietas”, as quais enfatizavam as funções instrumentais desse ensino. As cartilhas produzidas, portanto, adequam-se a essas instruções. Conforme Mortatti (2000, p. 94), *Cartilha analytical*, de Arnaldo Barreto, iniciava suas lições com uma historieta, tal qual a exemplificada por Oliveira (1944, p. 43), que era formada por sentenças numeradas e com letra manuscrita vertical, sempre precedidas por estampas. As lições eram organizadas de acordo com os passos já assinalados e, ao longo delas, eram introduzidas a letra de imprensa, com tipo redondo e liso.

As exortações às virtudes, à valorização da Pátria, do trabalho, da natureza eram constantes.

As práticas de ensino da leitura e escrita nos grupos escolares tinham por finalidade a formação da sociedade letrada norte-rio-grandense. Nesse período, a leitura e a escrita revestem-se de importância, uma vez que tornam-se conhecimentos articulados à possibilidade de transmitir aos cidadãos os valores republicanos por meio dos livros de leitura.

As mensagens — sugerindo comportamentos virtuosos — constituem os textos dos livros de leitura destinados à escola elementar. Na *Cartilha Ensino Rápido da Leitura*, a construção dos papéis sexuais das crianças na sociedade é expressa textualmente ou nas ilustrações. Como já se destacou, as lições de leitura veiculam as performances esperadas para meninos e meninas. Nesse sentido, frases como “O menino tem uma bola”, “A menina tem uma boneca”, “O boné é da menina”? “Não, o boné é do menino” “A boneca é da menina” (OLIVEIRA, 1944, p. 4-5) são usadas para o ensino da leitura e da escrita, mas também para incutir os valores quanto à divisão dos sexos.



Figura 6 - *Cartilha Ensino Rápido da Leitura*, 1944, p. 4-5

Fonte: Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Norte

Temas como os deveres do menino relativos à escola, à assiduidade, ao trabalho e ao cuidado com o asseio do corpo eram tratados com uma maior veemência nos manuais de conduta analisados. Isabel Gondim valorizava as noções de educação moral e de aspectos relativos à religião, bem como de civilidade, higiene e caligrafia. (MORAIS, 2003). Recomendava para as meninas em idade escolar uma boa educação que consistia em “[...] não se apresentar na escola com vestidos em desalinho e enodoados de tinta ou de qualquer outra coisa que os enxovalhe. Unhas aparadas e limpas, ter o cuidado em tudo que constitui a higiene.” (GONDIM, 1910, p. 21). Os alunos deveriam apresentar-se com asseio, higiene do corpo, decência e pontualidade na instituição de ensino.

Os ensinamentos escolares inculciam a importância do trabalho. As frases “O trabalho é a condição da felicidade”, “O aborrecimento é uma doença, cujo remédio é o trabalho” e, ainda, “É do trabalho que se tira grandes vantagens” (BOTELHO, 1919) exemplificam a representação de trabalho como uma atividade que propicia alegria e satisfação. Era assim a prática pedagógica da professora Josefa Botelho.

#### O QUE RESTOU DESSAS PRÁTICAS?

Esta análise buscou mais do que narrar como ocorriam as práticas de leitura e de escrita nos grupos escolares no início do século XX, no Estado do Rio Grande do Norte. Buscou, principalmente, uma reflexão acerca da construção da sociedade letrada norte-rio-grandense do período em questão. É sabido o grau de dificuldades em configurar um determinado espaço geográfico do passado. Os documentos mostram as reflexões de intelectuais engajados com as questões educacionais, a exemplo de Nestor Lima. Os Regimentos Escolares, os Diários de Classe oferecem informações sobre as metodologias que os docentes usavam ou deveriam usar em sala de aula. Mas, o cotidiano escolar, do ponto de vista dos alunos, perde-se em virtude da ausência de documentos. Portanto, as fontes utilizadas representam o mundo idealizado e construído pelas figuras ilustrativas que desfilam neste texto. Seja na sua dimensão transformadora da ordem estabelecida, seja na sua dimensão estigmatizante e excludente.

A história da leitura e da escrita no Rio Grande do Norte está longe de ser contada neste espaço. Apenas evidenciamos momentos da *Cartilha Ensino Rápido da Leitura* (OLIVEIRA, 1944), registrados em Diários de Classe, a preocupação dos professores alfabetizadores em aplicar os princípios e processos do método analítico de ensino da leitura, o engajamento do intelectual Nestor Lima, evidenciando as semelhanças do Rio Grande do Norte com os estados de São Paulo e Rio de Janeiro — à época, capital federal — e as prescrições pedagógicas aos mestres diplomados na Escola Normal de Natal.

Se a leitura e a escrita implicam espaços, hábitos e gestos, fica patente a afirmação de que essas práticas estão longe de ser configuradas, pois se perderam nas brumas de um passado remoto. O que permanece são as determinações dessas práticas sugeridas nas atividades pedagógicas da professora Josefa Botelho, nos desenhos dos cadernos escolares, nas representações das cartilhas indiciando modos de fazer e modos de ser na sala de aula.

#### REFERÊNCIAS

AMORIM, Sara Raphaela Machado de. *Do mestre aos discípulos: o legado de Nestor dos Santos Lima (1910-1930)*. 2010. 132 f. Dissertação (Mestrado em Educação)—Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010.

BARRETO, Arnaldo de Oliveira. *Quadros para o ensino de composição: redação*. Ilustração Franta Richter. São Paulo: Melhoramentos, 1951.

BOTELHO, Josefa. *Diário de classe*. Taipú, RN, jul./out. 1919.

CARVALHO, Felisberto de. *Primeiro livro de leitura*. Rio de Janeiro: Paulo de Azevedo & Cia. 119. ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1934b. (Completamente refundido por Epaminondas de Carvalho).

\_\_\_\_\_. *Quarto livro de leitura: curso superior* por Felisberto de Carvalho. Rio de Janeiro: Paulo de Azevedo & Cia. 36. ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1932. (Desenhado e refundido por Epaminondas de Carvalho).

\_\_\_\_\_. *Segundo livro de leitura*. Rio de Janeiro: Paulo de Azevedo & Cia. 90. ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1934a. (Desenhado e refundido por Epaminondas de Carvalho).

\_\_\_\_\_. *Terceiro livro de leitura*. Curso médio por Felisberto de Carvalho. Rio de Janeiro: Paulo de Azevedo & Cia. 75. ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1946. (Desenhado e refundido por Epaminondas de Carvalho).

CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1999.

DEIRÓ, Maria de Lourdes Chagas. *As belas mentiras: a ideologia subjacente aos textos didáticos*. 13. ed. São Paulo: Centauro, 2005.

ESCOLA NORMAL DO RIO GRANDE DO NORTE. *Melhoramentos técnicos do ensino primário e normal*. Natal: Tipografia do Instituto, 1913. Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Dr. Alberto Maranhão Governador do Estado por Nestor dos Santos Lima, Diretor da Escola Normal.

FREIRE, Olavo. *Desenho geométrico e noções de geometria*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1923.

GONDIM, Isabel. *Reflexões às minbas alunas*. 3. ed. Natal: Tipografia de A. Leite, 1910.

LIMA, Elisângela Gurgel da Rocha. *A história da mulber-aluna no Atheneu Norte-Rio-Grandense Feminino (1940-1950)*. 2010. 70 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Departamento de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010.

LIMA, Nestor. A escrita, seus princípios e processos: a caligrafia. *A República*, Natal, 28 jul, 1911a. Coluna Pedagogia, p.1.

\_\_\_\_\_. Língua materna. *A República*, Natal, p. 1, 2 ago. 1911b.

MARTINS, Érika Nogueira. *Stella Vésper Ferreira Gonçalves, educadora e escritora norte-rio-grandense (1910 - 1950)*. 2011. 70 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Departamento de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2011.

MORAIS, Maria Arisnete Câmara de. Maneiras de ler no Brasil do século XIX. In: ENCONTRO DE PESQUISA EDUCACIONAL DO NORDESTE, 13., 1997, Natal. *Anais...* Natal: Programa de Pós-Graduação em Educação, 1997. p. 9-25.



\_\_\_\_\_. *Isabel Gondim, uma nobre figura de mulher*. Natal: Terceirize, 2003. (Série Educação e Educadores do Rio Grande do Norte, v. 2).

\_\_\_\_\_. *Chicuta Nolasco Fernandes, intelectual de mérito*. Natal: Editorial A República, 2006. (Série Educação e Educadores do Rio Grande do Norte, v. 2).

\_\_\_\_\_. *História da leitura e da escrita no Rio Grande do Norte: presença de professoras (1910-1940)*. 2011-2013. Projeto PVE2127-2011 vinculado ao CNPq, Departamento de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2011.

MORAIS, Maria Arisnete Câmara de; SILVA, Francinaide de Lima. Práticas de leitura e escrita nos grupos escolares do Rio Grande do Norte (1908-1920). *Revista Educação em Questão*, Natal, v. 36, n. 22, p. 114-138, set./dez. 2009.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. Cartilha de alfabetização e cultura escolar: um pacto secular. *Cadernos CEDES*, Campinas, SP, v. 20, n. 52, p. 1-4, nov. 2000.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. História dos métodos de alfabetização no Brasil. Seminário Alfabetização e letramento em debate. Brasília: MEC, 2006. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/alf\\_mortattihisttextalfbbr.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/alf_mortattihisttextalfbbr.pdf). Acesso em: 17 ago. 2011.

OLIVEIRA, Mariano de. *Cartilha ensino rápido da leitura*. 266. ed. Rio de Janeiro: Melhoramentos, 1944.

RIO GRANDE DO NORTE. *Lei nº 249 de 22 de novembro de 1907*. Autoriza o governo a reformar a instrução pública. Actos Legislativos e Decretos do Governo. Natal: Tipografia de A República, 1909b.

RIO GRANDE DO NORTE. *Regimento dos grupos escolares do Estado do Rio Grande do Norte*. Natal: Tipografia de A República, 1909a.

\_\_\_\_\_. *A reforma do ensino: texto e comentário da lei n. 405, de 29 de novembro de 1916*. Natal: Tipografia de A República, 1917a.

\_\_\_\_\_. Departamento da Instrução Pública. *Registro de ofícios (1918-1920)*. Natal, 1920. livro n. 5 completo. Manuscrito.

ROUSSEAU, Jean Jacques. *Emílio ou da educação*. 3. ed. Tradução Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SILVA, Francinaide de Lima. *O Grupo Escolar Modelo Augusto Severo (1908-1928): vinte anos de formação de professores*. 2009. 159 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009.

SILVA, Ingrid Katiúcha Albuquerque da. *A prática pedagógica de Josefa Botelho*. 2009. 60 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Departamento de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009.

VIDAL, Diana Gonçalves. Escola Nova e processo educativo. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VEIGA, Cynthia Greive (Org.). *500 anos de educação no Brasil*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 497-517.

VIDAL, Diana Gonçalves. Um olhar sobre os estudos de gênero em história da educação no Brasil. In: MORAIS, Christianni Cardoso; PORTES, Écio Antônio; ARRUDA, Maria Aparecida. *História da educação: ensino e pesquisa*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 11-26.

**BIBLIOGRAFIA CONSULTADA**

LIMA, Nestor. A Leitura, suas espécies, métodos e processos. *A República*, Natal, 21 jul. 1911c. Coluna Pedagogia, p. 1.

MORAIS, Maria Arisnete Câmara de. *Leituras de mulheres no século XIX*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

MORAIS, Maria Arisnete Câmara de. (Org.). *Gênero e práticas culturais: história, educação e literatura*. Natal: EDUFRN, 2009.

MORAIS, Maria Arisnete Câmara de; SILVA, Francinaide de Lima. História da profissão docente em Natal/RN (1908-1920). *Revista Diálogo Educacional*, Curitiba, v. 9, n. 27, p. 267-278, maio/ago. 2009.

RIO GRANDE DO NORTE. *Lei n. 405 de 29 de novembro de 1916*. Actos Legislativos e Decretos do Governo de 1916. Natal: Tipografia de *A República*, 1917b.

\_\_\_\_\_. *Regimento interno dos grupos escolares*. Natal: Tipografia de A República, 1925.